

DECADENTISMO E ESTETICISMO EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”: A arte e a literatura como instrumentos de subversão social na era vitoriana

Autor: José Ryan Doria de Souza Caldas¹

Orientador: Prof. Dr. Fábio Maza

RESUMO

O texto apresenta uma análise acadêmica detalhada de *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, utilizando a obra como uma lente para examinar a sociedade vitoriana do final do século XIX. A pesquisa explora como as correntes do esteticismo e do decadentismo influenciaram a narrativa, destacando a busca pelo prazer hedonista e a separação entre a arte e a moralidade. Além de contextualizar a vida do autor e suas próprias contradições, o estudo investiga a hipocrisia social da época, onde a aparência aristocrática frequentemente escondia comportamentos considerados imorais. A trajetória de Dorian Gray é descrita como uma descida à perversidade, impulsionada pela influência de Lord Henry Wotton e pelo desejo de juventude eterna. Utilizamos no artigo a metodologia da História Cultural para demonstrar como a literatura de Wilde funciona como uma crítica contundente aos valores rígidos e utilitaristas de seu tempo.

Palavras-Chave: Oscar Wilde, Esteticismo, Decadentismo, Era Vitoriana.

DECADENCE AND AESTHETICISM IN “*The Picture of Dorian Gray*”: Art and literature as instruments of social subversion in the Victorian Era

ABSTRACT

The text presents a detailed academic analysis of *The Picture of Dorian Gray*, by Oscar Wilde, using the work as a lens to examine late nineteenth-century Victorian society. The research explores how the movements of aestheticism and decadence influenced the narrative, highlighting the pursuit of hedonistic pleasure and the separation between art and morality. In addition to contextualizing the author's life and his own contradictions, the study investigates the social hypocrisy of the period, in which aristocratic appearances often concealed behaviors considered immoral. Dorian Gray's trajectory is described as a descent into perversity, driven by the influence of Lord Henry Wotton and the desire for eternal youth. Finally, we employ the methodology of Cultural History to demonstrate how Wilde's literature functions as a forceful critique of the rigid and utilitarian values of his time.

Keywords: Oscar Wilde, Aestheticism, Decadence, Victorian Era

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Apresenta este artigo como requisito de conclusão de curso para obtenção do Grau em Licenciatura em História

E-mail: ryan.doria@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O seguinte artigo tem como objetivo principal fazer uma análise crítica da obra “O Retrato de Dorian Gray” (1890) de Oscar Wilde, juntamente de uma análise histórica do contexto histórico britânico do final do século XIX buscando entender as múltiplas correntes de pensamentos da era vitoriana, como o decadentismo e o esteticismo e como o autor utilizava-se da literatura para tecer críticas a essa sociedade através da narrativa dos seus personagens e em como ele inseriu suas ideias para criticar o utilitarismo e a moral da classe média inglesa.

Publicada pela primeira vez em julho de 1890, “O Retrato de Dorian Gray”, do escritor e ícone da literatura gótica, Oscar Wilde, é considerada uma obra subversiva, contendo doutrinas, filosofias e a presença de práticas que eram mal vistas e até criminalizadas na época em sua narrativa. Aborda principalmente a busca incessante do prazer, da liberação do indivíduo das amarras morais, e a relação entre arte e moralidade. A obra acabou não tendo uma boa recepção, pois é repleta de insinuações homossexuais, culto ao hedonismo e pelas críticas a sociedade inglesa, principalmente ao estilo de vida da elite britânica:

A respeito da polêmica homossexual, o romance se tornou uma obra-prima pela crítica de Wilde à sociedade aristocrata, de valores morais decadentes e repleta de superficialidades, como se podia notar nos eventos sociais da época. Muitas pessoas pertencentes à classe social mais elevada aparentemente se passavam por moralistas íntegros, sendo que mantinham um estilo de vida inescrupuloso, amoral e desinteressado das questões humanas. (Queluz e Silva, 2015)

O romance “O retrato de Dorian Gray”, se sustenta através das narrativas entre os 3 personagens principais, Dorian Gray, Lord Henry Wotton e Basil Hallward. O personagem principal, Dorian Gray, é apresentado inicialmente como uma pessoa tímida e ingênua, de linhagem aristocrática e portador de uma beleza irresistível, quase divina. Em um contexto de uma sociedade aristocrática, Dorian tem uma vida de aparências, eventos sociais e possui inicialmente um entendimento superficial sobre a sua própria natureza e existência.

Em determinado momento, ele conhece o pintor que viria a se tornar seu grande amigo, Basil Hallward, que encantado com a beleza do protagonista e nutrindo sentimentos por ele decide fazer um retrato de Dorian, que veio a se tornar a sua obra a qual ele tinha mais estima e apego. No dia da finalização do retrato, Basil convida seu amigo Lord Henry Wotton, que logo fica intrigado com a beleza e a natureza ingênua de Dorian. Assim, o

protagonista fica surpreso com a beleza da própria imagem, que incitado por Henry se dá conta da efemeridade da própria juventude:

“Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas, só os sujeitos acanhados não julgam pela aparência. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, nunca o invisível... Sim, Mr.Gray, os Deuses lhe foram favoráveis, mas o que os Deuses dão tornam a tomar depressa. Serão poucos os anos que poderá viver realmente, perfeitamente, plenamente; sua beleza se esvairá com a mocidade [...], O seu rosto há de empalidecer, as suas faces hão de escavar-se e os seus olhares hão de fanar-se...” (Wilde, 2021, p.31)

Diante das exclamações de Lord Henry e assustado com o seu inevitável futuro, Dorian deseja de forma insonte que a sua aparência permaneça completamente inalterável com o passar dos anos, assim como sua juventude e beleza permaneceriam para sempre gravadas e intactas no seu belo retrato. O seu desejo acaba sendo atendido, e a aparência e beleza de Dorian se conservam enquanto a sua pintura começa a refletir a sua alma cruel através de traços de envelhecimento que ele tanto repudiava.

Lord Henry Wotton era um grande adepto da filosofia do hedonismo, que consiste na diminuição do sofrimento e na busca por prazer seja sensorial, mental ou intelectual como motores da vida e da felicidade. Henry é um personagem cínico, elegante, extremamente ácido, intelectual e até um pouco maquiavélico, é talvez o personagem mais interessante da obra, seus momentos são extremamente reflexivos e dúbios, sempre opinando e tecendo comentários venenosos sobre os outros personagens. Ele se encanta com Dorian pois o vê como uma folha em branco, um ser ingênuo que pode ser facilmente lapidado, assim Lord Henry toma prazer em influenciar a personalidade do protagonista com suas filosofias hedonistas. Lord Henry após conhecer Dorian, dispara:

“Viva! Viva a maravilhosa vida que há em você! Não deixe que nada se perca sobre você! Procure sempre por novas sensações! Não tema nada! Um novo hedonismo, isso é o que nosso século deseja. Você poderia ser seu símbolo visível” (Wilde, 2021, p. 45)

Influenciado por Lord Henry, Dorian começa a pautar sua existência na busca de prazeres mundanos, mergulhando em uma vida perversa e sem limites, cometendo chantagens, assassinatos, se envolvendo em escândalos sexuais e enquanto o retrato reflete o impacto de suas ações, Gray continua com sua aparência e jovialidade intactas.

No que diz respeito à metodologia, o seguinte trabalho tem como base os fundamentos da área da História Cultural, discutido por autores como Roger Chartier (2001) e Sandra Jatahy Pesavento (2003), que permitiu a abertura do uso de novas fontes para a construção da historiografia. Em seu livro *“Cultura escrita, literatura e história”*, o

historiador Roger Chartier discute e defende a utilização de novos elementos que demonstrem a distinção entre ficção e história, mas que ao mesmo tempo as vincule:

estes elementos parecem indicar vários dos termos dignos de atenção para restabelecer uma leitura histórica das obras literárias que não destrua sua condição literária. [...] talvez possamos estabelecer estes dois temas de discussão tendo em vista estarem vinculados. Por um lado, o retorno da história sobre si mesma, pensando em sua dimensão literária; por outro, a literatura como objeto possível ou necessário da investigação histórica. Estas duas correntes, que talvez se desenvolvam de modo separado, confluem agora na pergunta sobre o estatuto da história, que sempre se vincula a fórmulas literárias, e com o enfoque histórico que faz pensar que é possível produzir uma inteligibilidade mais densa, mais complexa e mais rica das obras literárias (Chartier, 2001, p. 20).

Nesse sentido, Chartier sugere que a relação entre história e literatura não é de oposição, mas de complementaridade: a história pode enriquecer a leitura das obras literárias, tornando-as mais densas e significativas, enquanto a literatura pode ajudar a repensar os modos de escrita e inteligibilidade do próprio discurso histórico, além disso a literatura revela muito dos comportamentos e aspectos culturais de um povo de determinado espaço e época, revelando assim “a representação, os mitos, o cotidiano, o imaginário, as vivências, do ser humano”.(Silva, 2021)

A professora Sandra Pesavento, enxerga a literatura e a história como representações da realidade, em que a literatura pode servir para entregar a análise do historiador algo a mais, Para ela:

O historiador busca recriar o que teria se passado um dia, e o escritor de literatura cria um enredo que poderia também ter ocorrido. Nesse sentido, ambas as representações são plausíveis e tratam de convencer o leitor e transportá-lo a um outro tempo, mas só o historiador se empenha em demonstrar que a sua versão não é apenas “poderia ter sido”, mas efetivamente foi”. Sendo ambas representações do real, a história tem a tendência de utilizar, por vezes, a obra literária como uma “fonte a mais”. Nossa ideia é de que a literatura não pode ser entendida como uma “fonte a mais”, mas justamente como a fonte que pode dar aquele “algo mais” que os documentos comumente usados pela história não fornecem. (Pesavento, 1998, p. 25).

Seguindo por esse caminho, iremos buscar neste trabalho utilizar da nossa obra para traçar aspectos da realidade, buscando entender como o autor conseguiu capturar e representar a sociedade inglesa e seu funcionamento, tendo em mente as próprias filosofias e crenças sobre a arte do autor e em como isso influenciou na forma como sua obra foi escrita.

No que tange a justificativa para o uso da obra “O Retrato de Dorian Gray” para esse trabalho, já que existem outras obras que retratam críticas sociais a este período, como por exemplo: “A importância de ser fiel” do próprio Oscar Wilde, “Tempos Difíceis” de Charles Dickens”, “O morro dos ventos uivantes” de Emily Bronte. A escolha se deu por um interesse pessoal e forte identificação com a história dos personagens e do próprio autor, em citações e

cenar que serão posteriormente analisadas sobre o questionamento da própria individualidade perante a moralidade, expectativas da sociedade e conflitos internos sobre os próprios desejos.

Dorian Gray é marcado por um narcisismo extremo, e um hedonismo descontrolado, possuindo uma vontade imensa de viver todas as experiências sensoriais possíveis. A obra desenvolve o personagem a partir das influências de Lord Henry, que o faz cometer atos imorais e completamente contrários às expectativas sociais da era vitoriana, em busca de encontrar sua verdadeira identidade além do véu moralista da época. (Lucena, p. 37, 38 2019). Assim, pretendo com esse trabalho destrinchar as motivações dos personagens principais, e traçar paralelos que as especificidades presentes na obra de Oscar Wilde podem informar sobre a questão moral inglesa e fundamentar o viés crítico da obra perante os ideais vitorianos, relacionando a repercussão que O Retrato de Dorian Gray teve para a sociedade da época e para a vida do autor.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E VIDA DE OSCAR WILDE

2.1 Contexto Histórico

Wilde viveu durante o período conhecido como “Era Vitoriana”, época essa em que a Inglaterra estava sob o reinado da Rainha Vitória, momento este marcado por diversas transformações sociais e econômicas, ascensão e domínio das classes burguesas resultante da revolução francesa e industrial e do imperialismo britânico. Permeava na sociedade inglesa o conservadorismo, conflitos religiosos e intolerância a qualquer comportamento que desviasse dos valores morais da era. De acordo com Anthony Burgess (1996 p.215): “A moralidade rígida, o caráter sagrado da vida em família eram devidos em grande parte ao exemplo da própria Rainha Vitória, e sua influência indireta sobre a literatura, assim como a vida social, foi considerável”.

Durante essa época, de acordo com Rezende (2027, p.27), a Europa e principalmente a Inglaterra estavam vivenciando o apogeu da Revolução Industrial, sendo as fábricas inglesas responsáveis pela maior parte da produção industrial do mundo, tal avanço industrial e econômico atrelado com a forte política colonial do império inglês colocou a Inglaterra na posição de centro financeiro e econômico do mundo, colocando a nação em um estado de poder jamais visto antes. Como afirma Hobsbawn sobre o estado do poder britânico na época:

[...] E dentro deste domínio ocidental, a Grã-Bretanha era a maior potência, graças a seu maior número de canhoneiras, comércio e biblias. A supremacia britânica era

tão absoluta que mal necessitava de um controle político para funcionar. Não restavam quaisquer outras potências coloniais, exceto com a convivência britânica, e conseqüentemente não havia rivais. (Hobsbawm, p.300. 2012)

Concomitante a isto, começou a surgir um sentimento de pertencimento nacional pois o Reino Unido se tornou uma nação hegemônica e única, existia um sentimento de orgulho e de superioridade em ser cidadão britânico, o Reino Unido, devido ao seu poder incomparável as outras nações seja militar ou economicamente, se colocou como modelo de civilização a ser seguido pelos demais países, nesse contexto a classe média começou a criar um conjunto de valores morais restritos ligados a conduta dos cidadãos:

[...] há um conjunto de valores que, por falta de rótulo melhor, qualificaremos de “puritanos”, e que, muito claramente, nas classes médias, correspondem a uma herança de dois séculos. Figuram em primeiro lugar o espírito de economia, a dedicação ao trabalho, à extrema importância atribuída à moralidade e que, nas relações mundanas, chegava a uma etiqueta e a um rigorismo incrível na corte e nos salões; também uma preocupação muito atenta com os deveres da fé e um respeito escrupuloso ao repouso do domingo, a ser exclusivamente consagrado às leituras piedosas e aos exercícios espirituais (Charlot; Marx, 1993, p. 16).

Porém, apesar da promessa de uma nação moralista, as diferenças sociais da Inglaterra se tornaram abissais, enquanto a classe burguesa e a aristocracia se tornavam cada vez mais influentes e ricas devido aos lucros provenientes das fábricas, as classes mais baixas eram submetidas a longas jornadas de trabalho, trabalho infantil, ausência de benefícios sociais e criminalidade.

Diante do milagre industrial, da pressão burguesa nos campos ingleses através das políticas de cercamento nos séculos XVIII e XIX, e do grande crescimento urbano das cidades do Reino Unido, uma grande quantidade de pessoas começou a se deslocar para Londres em busca de novas oportunidades, o que agravou ainda mais os problemas sociais, criando uma divisão social ainda maior entre as classes marginalizadas e as mais privilegiadas:

Em nosso período, o desenvolvimento urbano foi um gigantesco processo de segregação de classes, que empurrava os novos trabalhadores pobres para as grandes concentrações de miséria alijadas dos centros de governo e dos negócios, e das novas áreas residenciais da burguesia. A divisão das grandes cidades europeias, de caráter quase universal, em zonas ricas localizadas a oeste e zonas pobres localizadas a leste se desenvolveu neste período (Hobsbawm, p.206 2012)

Segundo Hobsbawm (2012), por consequência desse crescimento descontrolado e sem supervisão, e pela falta de oportunidades de trabalho para todas as pessoas que estavam migrando para as cidades, a população mais pobre foi marginalizada como escória da sociedade resultando no aumento da criminalidade e da violência das cidades, no aumento dos números de infanticídio e suicídio, o aumento de cortiços devido ao grande número de

mulheres que recorriam a prostituição para se sustentar e por consequência no reaparecimento de epidemias que haviam sido erradicadas a tempos, como por exemplo a cólera.

A burguesia ascende como um resultado direto das ideias iluministas que se espalharam durante a revolução francesa, a exemplo do liberalismo econômico, do antropocentrismo, defesa da individualidade e dos direitos humanos e a separação entre igreja e estado e o fim da concepção de uma entidade divina como controlador do destino e ações do homem.

2.2 A vida de Oscar Wilde

Oscar Fingal O'Flahertie Wilde, nasceu em 16 de outubro de 1854 em Dublin (Irlanda), no berço de uma família aristocrata e com uma forte conexão com a literatura. Foi um autor de grande renome e foi eternizado como um dos maiores ícones da literatura gótica. Wilde era filho de Jane Speranza Francesca Wilde, uma poetisa que escrevia sobre patriotismo utilizando-se o pseudônimo Speranza; e de William Robert Wilde, cirurgião-oculista que trabalhava a mando da Rainha Vitória e também era um grande entusiasta do folclore irlandês; Assim, desde os primórdios de sua vida Wilde viveu na presença de diversos artistas e intelectuais que frequentavam a casa dos seus pais. (Ellman,1989, p.17)

Oscar Wilde começou seus estudos em 1864 na Portora Royal School, um internato tradicional em Enniskillen junto de seu irmão Willie, estudou lá por quase 7 anos e se tornou extremamente popular pelo seu desempenho acadêmico e notável excentricidade. Em 1871 foi recompensado com uma bolsa de estudos da Royal School para frequentar o Trinity College, em Dublin, onde estudou até se formar em 1874, lá ganhou a medalha de Ouro Berkeley como o melhor aluno de grego do colégio trinity e também ganhou a bolsa de estudos de Demysip para estudar na Magdalen college, Oxford.

Em Oxford, seus sucessos acadêmicos continuaram, recebia notas máximas principalmente nas matérias de estudos clássicos, foi lá inclusive que Wilde começou a ter suas primeiras experiências com a escrita criativa. O seu tempo de estudo em oxford durou até 1878, em que junto da sua formatura, Wilde ganhou o Prêmio Newdigate de melhor composição em versos em inglês pelo seu poema “Ravenna” que ele escreveu e recitou no teatro da Oxford University em 26 de junho do mesmo ano.

Foi após sair de Oxford, em um período de mais ou menos 4 anos (de 1880 a 1884) que Wilde começou a construir sua persona excêntrica e única, admirando-se pela filosofia

esteticista e adotando o movimento estético-cultural do dandismo, que é uma forma de autoexpressão e autoconfiança através da moda caracterizada por elegância extrema, alfaiataria refinada e provocação, como afirma Kelen Rodrigues:

A figura do dândi é uma das bases de sustentação, no contexto de final de século XIX, da enunciação a partir do estetismo-decadentista. Embora na vulgata do senso comum a palavra designe, de maneira geral, o homem que mostra excessiva preocupação com o vestuário (Rodrigues, 2009)

A persona pública de Wilde rapidamente se tornou inseparavelmente atrelada com o dandismo, com roupas refinadas e elegância, ele transmitia uma personalidade séria e estruturada, distante das próprias emoções e elevando o próprio estilo pessoal a uma forma de arte.

Em 1881, em uma conferência em Dublin, Wilde conheceu Constance Lloyd, uma escritora irlandesa, que rapidamente o envolveu em um romance que logo iria ser oficializado perante a sociedade, uma vez que o mesmo ansiava por cessar os rumores de sua homossexualidade que vinham surgindo e se fortalecendo desde os anos em que estudou na faculdade de Oxford. (Ellman, 1989, p.209)

Em 29 de maio de 1884, os dois se casaram na igreja de St. James em Paddington, deste casamento tiveram dois filhos, Cyril Wilde (1885) e Vyvyan Wilde (1886). Constance era uma mulher extremamente leal para Oscar, embora não possamos dizer o mesmo em relação a ele, pouco mais de 2 anos após o casamento (1886), os rumores dos seus envoltimentos sexuais com outros homens começou a reaparecer conforme Wilde se tornava amigo íntimo do jornalista Robert Ross que desde o início estava decidido a seduzi-lo (Ellman, 1989, p.246). Logo após se conhecerem, Ross se tornou seu amante e também o primeiro homem com quem ele teve relações sexuais:

Para Wilde, o amor homossexual alçava-o do frágil conformismo à expressão de desejos latentes. Depois de 1886, podia considerar-se como um criminoso, agindo com a má consciência entre os inocentes. Sua mulher era a mais inocente de todos. ("Para o invertido", diz Proust em Sodome et Gomorrhe, "o vício começa [...] quando ele sente prazer com mulheres.") Até então pôde considerar-se malcompreendido; agora tinha de estimular a má-compreensão. Em vez de desafiar com palavras a sociedade vitoriana, empenhava-se nessa tarefa também com ações. (Ellman, 1989 p.246)

Após seu envolvimento com Ross, Wilde abraçou completamente sua homossexualidade, que logo se tornou o ponto de partida para uma mudança brusca na personalidade do escritor. Seguindo esses acontecimentos, ele começou uma intensa produção literária, escrevendo diversos contos e participando de diversas revistas, foi inclusive nesse

período que ele começou a escrever seu único romance e também sua obra mais famosa: “O Retrato de Dorian Gray”.

A partir de 1890, “Na vida e na arte, Oscar Wilde iniciou uma fase nova, mas sombria. Se na vida se intensificou o seu homossexualismo, na arte, como uma premonição, fã-lo criar a personagem de Dorian Gray” (Pires, 2005, p17). Utilizando-se dos rumores que rodeavam sua pessoa, Wilde escreveu nesta obra narrativas que se ancoravam em parte nas diferentes perspectivas que ele e a sociedade tinha sobre ele mesmo, como o próprio afirmou em uma carta sua: “Dorian Gray contém muito de mim, Basil Hallward é o que eu acho que sou, Lord Henry o que o mundo pensa que eu sou e Dorian o que eu gostaria de ser — em outras épocas, talvez” (Wilde, 1894).

Na trama do seu romance, Basil Hollward, o pintor do retrato, desenvolve uma paixão pura e genuína por Dorian Gray, que em determinado momento acaba assassinando o pintor após o segredo do seu retrato ser descoberto. Ironicamente, tal qual o personagem de sua obra teve a vida arruinada pela pessoa que mais amou, no mesmo ano em que publicou a obra (1891), Wilde conheceu o aristocrata Lord Alfred Douglas, intimamente chamado de Bosie, que iria engatar em um duradouro mas extremamente conturbado relacionamento com o escritor, que resultaria no fim da sua carreira e na prisão de Wilde por dois anos: “Com esta ficção, Oscar Wilde insistia no seu conceito da vida a imitar a arte” (Pires, 2005, p.17)

Rapidamente, “Wilde constatou que Douglas era não apenas belo, mas também irresponsável e intratável, com um temperamento feroz” (Ellman, 1989 p. 337), completamente o contrário de Wilde que era calmo e suave. As diferenças tão abruptas de personalidade levavam a diversas discussões entre os dois, além disso, ambos se permitiam ser vistos em público, comportamento esse que atraiu muita atenção para o casal, já que na época práticas homossexuais eram crime na Inglaterra e as suposições sobre a vida privada do escritor estavam a todo vapor (Ellman, 1989, p.337).

Por consequência da proximidade com Wilde e os rumores que seu filho estava sendo amante do escritor, John Sholto Douglas, o Marquês de Queensberry e também pai de Douglas começou a perseguir Wilde em suas peças e em sua própria casa, um dos seus maiores atos de perseguição foi a tentativa de estragar o espetáculo de Wilde, sua peça “A importância de ser prudente”, em 1895:

Convencido de que o filho morrera em um escândalo homossexual, Queensberry resolveu assegurar que um segundo filho não morresse da mesma maneira. Não estava certo da melhor forma de atingir Wilde, mas escolheu uma manifestação pública na noite da estréia de A importância de ser prudente, marcada, provocativamente, para o dia 14 de fevereiro de 1895. (Ellman, 1989, P 370)

Porém, ele foi barrado na entrada do teatro e não conseguiu acabar com o espetáculo. Assim, 4 dias depois ele entregou um cartão acusando Wilde de Sodomia no Clube Albermale que Oscar Wilde frequentava. Estas provocações foram as últimas antes de que Wilde tomasse providências legais contra o pai de Douglas, que o incentivou a processá-lo por difamação (Ellman, 1989, p.370). Porém, o processo não prosseguiu como esperado, já que as acusações do Marquês contra ele eram sobre seu envolvimento sexual com outros homens, rapidamente, o sistema judiciário se voltou contra Wilde, e apesar do mesmo negar seus envoltimentos homossexuais, diversos garotos que prestaram serviços sexuais ao escritor foram chamados para testemunhar contra ele, o que acarretou na prisão dele, sob o regime de trabalhos forçados em 6 de abril de 1885 (Ellman, 1989, p.384 - 386).

A prisão de Wilde foi um golpe fatal na sua vida, sua saúde mental e física foram tão fortemente afetados quanto sua carreira, que havia inegavelmente acabado. Passou a maior parte do seu tempo preso na prisão de Reading Gol e lá dentro escreveu 3 cartas para o jornal Daily Chronicle a respeito do seu tempo preso. Além disso, foi ainda preso que escreveu seu último e mais pessoal trabalho literário, uma carta acertando as contas com seu amante, culpabilizando-o pelo seu destino trágico, denominada "De Profundis".

Oscar Wilde saiu da prisão em 19 de maio de 1897, porém, teve o próprio nome renegado, sendo forçado a viver em anonimato nos anos finais de sua vida, completamente doente e abandonado, Wilde faleceu miseravelmente nas sombras do que foi um dia em 30 de novembro de 1900, sua vida serviu completamente a arte, se tornando um dos maiores escritores do século XIX em meio a uma vida de extravagância, acusações e um talento literário inegável.

3. O DECADENTISMO E O ESTETICISMO NA ERA VITORIANA

3.1.1 O Movimento decadentista na Inglaterra do século XIX

No século XIX, seguindo o avanço dos valores morais burgueses e da Revolução industrial, a Europa vivia um momento de otimismo e prosperidade, marcando uma era de extremo avanço tecnológico e científico. O período também marcou a expansão e domínio colonial de vários impérios europeus pelo globo, como o Império britânico e o Império francês, além de ter sido um período de relativa paz, pois as potências europeias passaram a maior parte do século sem entrar em conflitos militares entre si.

O sentimento homogêneo de progresso e otimismo ocasionado pela revolução industrial e os avanços provenientes rapidamente começou a entrar em declínio, "havia,

porém, um sentimento clandestino de desconfiança e pessimismo, que rondava principalmente as grandes metrópoles” (Veras, p.1. 2010), dando espaço para que outras correntes filosóficas, culturais e artísticas começassem a surgir. É nesse contexto que a corrente estética do Decadentismo começa a dar as caras, invocando uma evasão da realidade cotidiana vivida durante o século XIX, indo contra o racionalismo, o materialismo e os valores burgueses da época. Segundo Eco:

[...] aos entusiasmos e às desilusões dos primeiros decênios do século substituiu-se um período de ideais modestos, mas eficientes, (é o período vitoriano na Inglaterra, o Segundo Império na França), no qual dominam as sólidas virtudes burguesas e os princípios de um capitalismo em expansão. A classe operária toma consciência da própria situação: O Manifesto de Karl Marx foi publicado em 1848. O artista, diante da opressão do mundo industrial, do crescimento das metrópoles percorridas por multidões imensas e anônimas, do surgimento das novas classes cujas necessidades urgentes certamente não incluem a estética, ofendido pela forma das máquinas que ostentam a pura funcionalidade de novos materiais, sente ameaçado os próprios ideais, percebe como inimigas as ideias democráticas que avançam gradualmente, decide se fazer diverso (Eco, 2004, p. 329).

O movimento decadente começou a surgir na França entre 1870 e 1880, em que escritores como Charles Baudelaire, Joris-Karl Huysmans e Paul Verlaine começaram a experimentar narrativas literárias com temas de sensualidade, morbidez e o sobrenatural. A tradição decadentista se caracteriza principalmente pela concepção da beleza como o valor supremo da arte; pelo fascínio do grotesco, pelo sofrimento, por todos os aspectos sombrios da natureza humana; pela rejeição dos ideais morais da burguesia e do capitalismo; pelo erotismo; e por muito mais temas estéticos.

Em relação aos aspectos mais sombrios da experiência humana que o decadentismo resgata para o campo das artes, Eco (2004, p.330) afirma que o movimento decadente se envolve em temáticas que também eram exploradas no romantismo, como por exemplo: a morte, doenças, pactos demoníacos, sofrimento, medo e tristeza. Porém, diferente do romantismo, que buscava retratar tais aspectos na intenção de documentação e julgamento, Eco (2004, p.330), explica que a tradição decadentista busca representar essas inquietações não como um aspecto negativo, mas, tornando esses aspectos sombrios e grotescos em belos e fascinantes.

O decadentismo influenciou fortemente a nossa obra analisada: “O Retrato de Dorian Gray”, possuindo características claras como por exemplo: a representação de uma sociedade em decadência, principalmente no que tange aos valores morais; a arte pela arte, pois a obra se tornou o principal expoente da tradição esteticista que surgiu a partir do decadentismo; decadência moral x figura pública: a obra mostra como Dorian Gray era extremamente

perverso apesar de não aparentar; o pacto faustiano, representado pela troca da alma de Dorian pela juventude eterna. Ademais, Tavares (2016) estabelece um comparativo entre a busca pelo prazer dos personagens Dorian Gray, e o personagem Duc Jean des Esseintes, protagonista de *À Rebours*, um dos romances fundadores do decadentismo, mostrando como as motivações dos dois personagens decadentistas eram parecidas:

o romance de Huysmans apresenta um herói que não é nem romântico nem naturalista. Longe das idealizações do primeiro e dos estudos de caráter social do segundo, Des Esseintes expressa o cansaço de ter experienciado tudo o que estaria disponível a um homem de sua posição. Sem mais amores para viver ou seduções para efetuar, o espírito saciado do herói de Huysmans efetua juízos sobre objetos e pessoas. Para ele, tudo se configura como avaliação estética, numa recusa a qualquer princípio moral. (Tavares, 2016, p.82)

3.1.2 A figura do dândi

Conforme o decadentismo avançava, e o culto à beleza se espalhava na Europa, diversos seguidores dos dogmas estéticos começaram a surgir, sendo o principal grupo conhecido como dândis, um grupo de jovens que se vestia de forma elegante e excêntrica, Eco (2004, p.333), credita o nascimento do movimento ao inglês, Lord George Brummel, antes do movimento ser teorizado por Baudelaire e D'aurevilly. Brummel buscava se destacar através da moda, postura e atitude, não sendo um filósofo ou esteta, buscava apenas se distinguir a partir da própria imagem pública. Exemplos desse novo tipo de homem em obras literárias são Des Esseintes, personagem de Joris-Karl Huysmans em *“Às avessas”*, e Dorian Gray, criação de Oscar Wilde em *“O retrato de Dorian Gray”*. De acordo com Tavares (2016) o dândi se caracteriza principalmente por:

[...] baseava seu vestir, seu andar e seu falar em um singular ideal estético. Para o dândi, novo arbítrio das elegâncias, sua existência deveria constituir-se como obra de arte, como agente de uma existência artificial e hiper-estilizada, senão estranha a muitos de seus contemporâneos. Longe da figura exemplar desta classe e de suas preocupações políticas e sociais, o dândi oitocentista configurava a antítese da figura do intelectual engajado, que nasce no mesmo período [...] (Tavares, p.79, 2016)

Inicialmente, a figura do dândi é vista com preconceito e certo estranhamento e só começa a ser mais aceita pela sociedade a partir da década de 1830. O primeiro passo para essa aceitação foi em 1829 com a publicação da revista *"La mode"*, que listava uma série de obras e de locais apreciados pelos dândis de extremo gosto refinado. Em 1830 foi publicada a primeira menção positiva ao termo por Balzac em *“Tratado da vida elegante”*. De acordo com Tavares (2016, p.80), o dândi é descrito por Balzac como *“uma figura destoante, de uma elegância exagerada e marcante”*.

Voltando para Eco (2004, p.334), o teórico reforça o dandismo como um movimento contrário aos costumes da época, e por tal, muitos homossexuais buscavam vincular-se ao

dandismo, a exemplo de Oscar Wilde. Porém, ele também apresenta contradições do movimento, que apesar do desprezo ao utilitarismo, ainda “[...] Não é uma revolta contra a sociedade burguesa e seus valores (como o culto do dinheiro e da técnica), pois, no fim das contas, se mantém como manifestação marginal e certamente não revolucionária, mas aristocrática [...]” (Eco, 2004,p.334).

O entendimento da figura do dândi é extremamente importante para entender a figura pública do escritor de O Retrato de Dorian Gray. Oscar Wilde foi o principal desenvolvedor do lema arte pela arte e ele decidiu a partir do dandismo transformar a própria vida, vestimenta e porte em uma performance artística. Assim como o autor, na obra o seus dois personagens principais, Lord Henry Wotton e Dorian Gray são dândis, servindo como personificação de traços das crenças artísticas e filosóficas do próprio autor

3.2 O Esteticismo na Inglaterra do século XIX

O movimento esteticista teve início entre as décadas de 1880 e 1890 e foi teorizado principalmente por Walter Pater, e Oscar Wilde, escritor da obra analisada neste trabalho e também foi o principal expoente do movimento na Inglaterra no século XIX, sendo “O Retrato de Dorian Gray” considerado como a principal obra esteticista do movimento, sendo o esteticismo extremo o pilar central da obra, que é personificado pelo protagonista Dorian Gray em uma jornada de satisfação dos próprios prazeres.

Ainda na universidade, Wilde teve contato com dois autores extremamente opostos que influenciaram o movimento esteticista, John Ruskin, que defendia o culto a beleza, era um grande crítico moralista e religioso, defendia que uma concepção do belo desatrelada da moral era impossível, uma vez que ele entendia que a arte e o belo tinham uma relação direta com a moral e a religiosidade do homem. “Para Ruskin, havia uma conexão íntima entre arte e fé - a perseguição da beleza se torna quase um dever religioso” (Burgess, 1996, p.216). Seguindo essas ideias, ele foi um dos maiores opositores do utilitarismo burguês, pois de acordo com ele:

[...]é com esse fervor religioso que ataca a doutrina utilitarista (iniciada, como vimos, por Bentham, e reformulada por John Stuart Mill), que para ele era demoníaca. O utilitarismo significava liberdade demais no comércio e na indústria, como se as coisas funcionassem por si próprias sem qualquer referência ao problema da pobreza ou qualquer preocupação com a sorte dos operários. O utilitarismo permitiu casas esqueléticas, cidades desfiguradas por fábricas; negava a importância do belo ou do ético, preocupava-se apenas com os lucros. Sua doutrina do “homem econômico” era falsa, afirmava Ruskin. (Burgess, 1996, p.216,217)

Já o segundo, Walter Pater, era discípulo de John Ruskin mas acabou por divergir abruptamente da doutrina do seu mestre, se tornando um grande defensor da “arte pela arte” e

de um puro esteticismo, Pater defendia o estilo de vida hedonista, colocando a arte não como algo atrelado diretamente a moral do homem mas apenas como uma das formas de se gerar prazer ou satisfação para o indivíduo, como reforça Anthony Burgess em um trecho do seu texto em que ele fala sobre as filosofias de vida de Pater: “Era nosso dever, dizia Pater (na prosa mais delicada), cultivar o prazer, beber fundo das fontes da beleza criada e da beleza natural” (Burgess 1996, p.233)

Wilde construiu os pilares da sua formação sendo influenciado por essas duas doutrinas extremamente opostas, uma que percebia a beleza e arte como parte da moralidade e a outra que pregava a arte desvinculada da moral tendo o único objetivo de gerar prazer e experiências sensoriais para o homem. Richard Ellman em sua bibliografia sobre a vida de Oscar Wilde explica que:

Wilde percebeu que estava diante, não de apenas duas doutrinas muito diversas, mas de vocabulários diversos. Embora tanto um quanto outro acolhessem a beleza, para Ruskin ela devia aliar-se ao bem, e para Pater devia ter um toque de maldade. Pater apreciava muitíssimo os Bórgia, por exemplo. Ruskin falava de fé; Pater, de misticismo, como se para ele a religião se tornasse tolerável apenas quando extravasava em excesso. Ruskin evocava a consciência; Pater, a imaginação. Ruskin invocava o controle disciplinado; Pater abria espaço para um agradável impulso. O que Ruskin censurava como imoralidade Pater acalentava como capricho. (Richard Ellman, 1989)

Influenciado pela corrente do esteticismo literário ou movimento estético de Walter Pater e da visão estética de John Ruskin, Wilde pregava que a arte deveria ser valorizada apenas pelo seu valor estético ou prazer que gerava no indivíduo, não a concedendo nenhum valor utilitário, didático, moral ou político, assim os temas abordados por ele em suas diversas obras giravam principalmente em torno da beleza estética como antídoto para os horrores da vida cotidiana. No prefácio de *Dorian Gray* ele explica a sua visão a respeito do seu pensamento estético-artístico:

O artista é o criador de coisas belas. Revelar a arte e ocultar o artista é o objectivo da arte. [...] Não existem livros morais ou imorais. Os livros são mal ou bem escritos. [...] Um artista não quer provar coisa alguma. Até as coisas verdadeiras podem ser provadas. Um artista não tem simpatias éticas. Uma simpatia ética num artista é um maneirismo de estilo imperdoável. [...] Podemos perdoar um homem que faça uma coisa útil desde que não a admire. A única desculpa para fazer uma coisa inútil é ser objecto de intensa admiração. Toda a arte é perfeitamente inútil. (Wilde, p.15, 2021)

De acordo com Toffoli (2013, p18) o esteticismo começa a atacar o moralismo e o utilitarismo burguês, colocando a beleza em oposição a utilidade. Dessa forma, o esteticismo de Wilde atrelado com o surgimento do movimento decadentista com a supervalorização da individualidade e a recusa dos valores burgueses aparece presente na obra como uma crítica à

moralidade social vitoriana e introduz a visão da arte não mais como um instrumento de edificação moral. Acerca disso, Toffoli (2012, p.29), conclui que:

O Retrato de Dorian Gray é escrito quase como um manifesto do esteticismo e contém as principais ideias de Intentions aplicadas a um romance não só no que diz respeito ao tema, mas também na relação estabelecida com a forma, por meio da interdiscursividade e os longos capítulos descritivos. Tanto a estrutura do texto quanto seu conteúdo são voltados para esse posicionamento acerca da arte, que tem como consequência, na época, a associação com a imoralidade

4. O ESTETICISMO E AS CRÍTICAS DE OSCAR WILDE EM “O RETRATO DE DORIAN GRAY”

4.1 Críticas ao funcionamento da sociedade vitoriana

Em o “O Retrato de Dorian Gray”, Oscar Wilde desafia e satiriza a moralidade da era vitoriana, tratando-a como uma construção social baseada na hipocrisia e no medo da opinião alheia. Através de Henry Wotton, Wilde personifica suas críticas a essa sociedade e sua estrutura utilitarista e moralizante - que o fará inclusive a ser reconhecido como um indivíduo imoral - utilizando-se de sátiras e ironias, em um diálogo entre Henry com o pintor Basil, ele explana a seguinte crítica a respeito da moralidade vitoriana:

“Esqueceram o mais nobre de todos os deveres: o dever que cada um tem para consigo mesmo. É certo que não deixam de ser caritativos. Dão de comer aos que têm fome e vestem os pobres. Mas as suas almas andam famintas e nuas. A coragem desapareceu da nossa raça. Ou talvez nunca a tivéssemos tido. O temor da sociedade, que é a base da moral, o temor de Deus, que é o segredo da religião - eis as duas coisas que nos governam.” (Wilde, 2021, P.16)

Essa citação demonstra como a sociedade vitoriana era extremamente moralista, e como a moral vitoriana não é definida por Wilde como uma virtude, mas como covardia diante do julgamento da sociedade. Em outro diálogo, novamente iniciado por Lord Henry, ele demonstra como a sociedade inglesa era repleta de hipocrisia e de como as diferentes camadas da sociedade lidavam - ou não - com as restrições, morais ou legais, enfatizando que os membros da alta sociedade, ou seja, aristocratas e burgueses, podem praticar e saciar seus próprios desejos sem medo de repreensão, diferentemente das camadas mais pobres, que não possuem esse privilégio:

"Hoje em dia cobram-nos em excesso por tudo. A meu ver, a verdadeira tragédia dos pobres é a de não poderem dar-se ao luxo de coisa nenhuma senão a auto-recusa. Os pecados belos, como as coisas belas, são privilégio dos ricos. [...] Pode crer que um homem civilizado jamais lamenta o prazer, e que um homem incivilizado jamais sabe o que é o prazer." (Wilde, 2021 p.48)

Ainda no que tange seus comentários acerca das diferenças entre as classes sociais, em outra fala de Lord Henry, ele descreve como as grande massas julgam os vícios da alta sociedade com muito mais afincado, mesmo que esses atos também sejam praticados por eles mesmos:

“Apoio inteiramente a indignação que a democracia inglesa manifesta contra aquilo a que chama os vícios das classes superiores. As grandes massas acham que a embriaguez, a estupidez e a imoralidade devem ser exclusivamente propriedade sua, e que se algum de nós faz figura de parvo é como se tivesse ido caçar na sua coutada.” (Wilde, 2021 p.9)

Esses comentários de Henry não são feitos sem motivo, é nele que Wilde busca demonstrar sua visão e até mesmo insatisfação com o funcionamento moral da Inglaterra Vitoriana, explorando principalmente a hipocrisia moral dos ingleses do século XIX. Indo ainda mais a fundo, Wilde, em determinados momentos da obra ironiza certas atitudes das classes mais altas, ou da valorização de virtudes supérfluas praticadas apenas como forma de aliviar o tédio ou manter as aparências. Em um diálogo entre Basil e Lord Henry, a respeito do ato do filantropismo da alta classe, ele afirma:

“Se tivesse ido a casa de sua tia, iria com certeza encontrar Lord Hoodbody-, e toda a conversa teria andado à volta de alimento para os pobres e da necessidade de casas-modelo. Cada classe teria pregado a importância dessas virtudes, para a prática das quais não havia necessidade nas suas vidas. Os ricos teriam falado sobre o valor da poupança, e os ociosos teriam perorado com eloquência sobre a dignidade do trabalho.” (Wilde, 2021 p.35)

4.2 A questão hedonista/esteticista

O protagonista da nossa obra em estudo utiliza-se do hedonismo, doutrina moral e filosófica que defende a busca pelo prazer como o grande objetivo da experiência humana. Dessa forma o desejo de viver esse grande hedonismo se manifesta no anseio da eternização da juventude e da beleza do protagonista. O esteticismo, tradição artística e estética que possui como principal característica a arte completamente focada no belo, sem possuir utilidade moral, religiosa ou social se encontra em Lord Henry e Dorian Gray seus maiores defensores (Quadros-Zamboni, 2017, p.194)

No romance, o culto ao belo como arte, tal qual as crenças esteticistas e decadentistas defendidas por Oscar Wilde, leva a crença de que a beleza e a vida de Dorian Gray são uma obra de arte a ser admirada, como expressado por Henry, anos depois de se conhecerem: “Você é o tipo de que a nossa época tem andado à procura e que receia ter encontrado. Agrada-me tanto que você nunca haja feito nada, que nunca tenha esculpido uma estátua, ou pintado um quadro, ou produzido algo exterior a si! A vida tem sido a sua arte. Você

transcreve-se em música. Os seus dias são os seus sonetos.” (Wilde, 2021, p225). A partir da infusão dessas ideias no seu romance “Wilde colocou-se entre aqueles considerados imorais de acordo com os valores da classe média vitoriana” (Toffoli, 2013, p.20), se tornando alvo de diversas críticas.

O personagem Lord Henry Wotton, descrito como um homem cético, elegante, que deposita sua fé na ciência, e não na religião, na filosofia de vida hedonista e na crítica dos valores morais vitorianos, terá um papel crucial na jornada do protagonista da obra, Dorian Gray, o incentivando a realizar atos imorais e infames em busca de saciar os próprios desejos, pois de acordo com o próprio Henry: “Ceder a uma tentação é a única maneira de nos libertarmos dela. Se lhe resistimos, a alma enlanguesce, adoce com as saudades de tudo o que a si mesma proíbe” (Wilde, 2021, p16). Rapidamente, Dorian começa a ser moldado pelas crenças e filosofias inquietantes de Lord Henry:

“Durante cerca de dez minutos, permaneceu imóvel, os lábios entreabertos e um brilho estranho no olhar. Tinha uma vaga percepção de que dentro de si actuavam influências inteiramente novas. E, todavia, pareciam ter surgido de dentro de si mesmo. As poucas palavras que o amigo de Basil lhe dirigira - palavras proferidas por acaso, sem dúvida, e intencionalmente paradoxais - tinham feito vibrar uma corda secreta, até então nunca tocada, que sentia agora latejar ao ritmo de inexplicáveis pulsações.” (Wilde, 2021, p16)

A influência das ideias de Henry são extremamente presentes no romance, em que o próprio Dorian reconhece em diversos momentos os efeitos da sua aproximação com Henry, como o próprio diz após ser incentivado a encontrar prazer no amor por uma mulher, a atriz Sibyl Vane: “No fim de contas, isto nunca teria acontecido se eu não o tivesse encontrado. Foi você que fez nascer dentro de mim um desejo desenfreado de conhecer todas as coisas da vida. ... Eu sentia paixão pelas sensações...” (Wilde, 2021, p.31). Assim, Lord Henry se deleita em incentivar o jovem a mergulhar cada vez mais no caminho do prazer: “o adolescente era de algum modo, sua própria criação.” (Wilde, 2021 p. 69).

4.3 O nascimento da imoralidade

O grande ponto de mudança brusca na personalidade de Dorian Gray acontece quando o mesmo conhece Sibyl Vane, uma jovem e talentosa atriz de teatro de dezessete anos por quem Dorian se apaixona perdidamente, sendo conhecida pelas suas performances em que interpretava grandes heroínas de Shakespeare como Julieta, Rosalinda e Imogenia. Nesse momento do livro, ele já está extremamente imerso nas teorias estéticas de Lord Henry, enxergando não como uma pessoa comum, mas como um ser superior e divino, idealizando a

existência de Sibyl. Para ele, o que o encanta não é necessariamente sua personalidade, mas sua beleza e capacidade de representar várias personagens no palco com extrema maestria:

“E tinha uma voz como nunca ouvi. Era muito grave, a princípio, de sons profundos e melódiosos, que pareciam cair um a um no nosso ouvido. Depois tornava-se um pouco mais alta e soava como uma flauta ou um longínquo oboé. Na cena do jardim, tinha o êxtase trêmulo que ouvimos quando a madrugada vai chegar e os rouxinóis cantam. Havia, depois, momentos em que possuía a paixão desvairada das violetas. [...] Por que não haveria de amá-la? É que eu amo-a, Harry. Ela é tudo para mim na vida. Vou vê-la representar todas as noites. Uma noite ela é Rosalinda e na noite seguinte é Imogénia.” (Wilde, 2021 p.60)

Sibyl se apaixona perdidamente por Dorian, que decide então levar seus amigos Basil e Henry para assistir a uma das apresentações da atriz. Porém, a apresentação foi bem diferente, Sibyl que antes tinha encantado Dorian com sua voz, agora não se esforçava para transmitir emoção a sua performance artística: “A voz era delicada, mas o tom totalmente inadequado. Estava no timbre errado. Roubava aos versos toda a emoção. Não transmitia veracidade à paixão”(Wilde, 2021, p.93). O fiasco da apresentação de Sibyl chocou todos da plateia, inclusive Dorian, que decepcionado fala que: “A noite passada foi uma grande artista. Esta noite é apenas uma atriz banal e medíocre.”(Wilde, 2021, P.93)

Mais tarde, Dorian vai ao encontro de Sibyl fazendo a atriz justificar-se, que explica que não vê mais motivos para representar essas heroínas românticas, pois encontrou em vida o “amor verdadeiro”, Dorian, não mais idealizando a existência da atriz, a humilha e a abandona. Desolada após ser humilhada pelo homem que amava, Sibyl acaba se suicidando. Apesar do acontecimento trágico, Gray rapidamente se recupera da tragédia e enxerga todo o desenrolar dos eventos como um capricho dramático da vida:

“Assim, assassinei Sibyl Vane - rosnava Dorian -; matei-a tão seguramente, como se lhe houvesse rasgado a garganta com uma faca! E, entretanto, nem por isso acho as rosas menos belas... Os pássaros não cantarão menos no meu jardim... Esta noite vou jantar contigo, irei depois à Ópera e, sem dúvida, ainda irei ceiar em qualquer parte, mais tarde... Como a vida é poderosamente dramática! Harry, se eu houvesse lido tudo isso em um livro, desconfio bem que acabaria chorando.” Wilde, 2021 p.110)

A morte de Sibyl marca o começo da transformação de Dorian em uma pessoa manipuladora e perversa. A partir daqui, Dorian começa a ver a tragédia como uma forma de expressão da arte. É nesse momento que o seu retrato se altera pela primeira vez, e já que o retrato arcará com o peso de sua vergonha, ele se entregará a uma vida de paixão ilimitada e pecados desvairados. Ele aceita o conselho de Lord Henry de que a única forma de curar a alma é através dos sentidos e decide que a beleza e a juventude são as únicas coisas que valem a pena possuir.

De acordo com Quadros-Zamboni (2017), em sua análise a respeito da relação do indivíduo e da sociedade, concomitante com os estudos de Robert Elias, argumenta que Dorian Gray possui um desejo ardente de reivindicação da sua personalidade e de se diferenciar do resto da sociedade comum, de acordo com ela, Dorian Gray:

“Prefere assumir, então, a postura de um ser absolutamente único, de beleza e caráter singulares, a ser confundido como mais um dentre todos. O desejo pela legitimação social de sua autoimagem o leva a buscar o destaque entre os demais e, como agir de acordo com o que a sociedade espera que se aja é o normal, correto e comum, Dorian recusa-se a fazê-lo. Ele há de destacar-se, ainda que seja pelos vícios e não pelas virtudes — que são as escolhas do sujeito comum, não as suas.” (Quadros-Zamboni 2017, p.106)

Esse desejo de ser diferente, de possuir uma individualidade que se destaca, uma expressão de si que seja verdadeira e não forçada, de ter uma existência que não se curve às expectativas sociais é um aspecto forte da personalidade de Dorian Gray, que piora conforme ele se torna ainda mais obcecado com a beleza. Em determinado momento, Lord Henry presenteia Gray com um livro, que:

“Era um romance sem intriga, com um único personagem, o simples estudo psicológico de um jovem parisiense, que ocupava a sua vida procurando realizar, no século XIX, todas as paixões e os modos de pensar dos outros séculos e de resumir em si os estados de espírito pelos quais o mundo havia passado, amando pela sua simples artificialidade essas re-núncias, que os homens chamavam nesciamente virtudes, assim como essas revoltas naturais que os homens de juízo ainda chamam pecados. (Wilde, 2021, p. 137)”

Com esse livro, Dorian viu sua vida imitando a arte, o protagonista do livro “tornou-se-lhe uma sorte de prefiguração da sua individualidade e, com efeito, ele lobrigava nesse volume a história da sua própria vida, escrita antes de ele vivê-la!” (Wilde, 2021, p.139).

No capítulo 12, Basil confronta Dorian a respeito dos rumores que cercam a sua pessoa, interrogando-o principalmente o que diz respeito ao destino trágico de todas as pessoas que em determinado momento, ousaram se aproximar e se tornar amigos de Dorian Gray:

“Por que tua amizade há de ser tão fatal aos jovens? Ouve... Esse pobre que servia nos gardes e que se suicidou era dos mais queridos por ti. E sir Henry Ashton, que teve de abandonar a Inglaterra com o nome maculado? Tu e ele eram inseparáveis. Que dizer de Adrian Singleton e do seu triste fim? Que dizer do filho único de lord Kent e de sua carreira comprometida? Ontem, encontrei seu pai em Saint-James Street. Pareceu-me coberto de vergonha e mágoa. Que dizer ainda do jovem duque de Perth? Que existência leva ele agora? Que gentleman o aceitaria como amigo?” (Wilde, 2021, p.164)

Irritado com as acusações repentinas de Basil, Dorian rebate o amigo, justificando que:

“Bem sei como se tagarela na Inglaterra. Os burgueses fazem à sobremesa uma exposição de seus preconceitos morais e referem muito baixo o que chamam a libertinagem de seus superiores, a fim de dar a entender que pertencem à bela sociedade e vivem perfeitamente com seus caluniados. Neste país, basta que um homem possua certa distinção e um cérebro, para que as más línguas lhe caiam logo em cima. E que vida leva essa gente que se trata de moralidade? Meu caro amigo, tu te esqueces de que estamos na terra natal da hipocrisia.” (Wilde, 2021, p 164)

Sua justificativa, reforça mais uma vez as críticas de Oscar Wilde presente no livro a respeito da sociedade inglesa, destacando mais uma vez a hipocrisia moral do país e demonstra como Dorian Gray se vê como um ser ímpar, completamente aquém das convenções sociais. Os amigos aristocratas de Dorian tinham relação com diversos crimes ou atos imorais, desde vícios em substâncias, até falsificação de documentos. Todos os seus amigos rapidamente foram presos ou tiveram um fim pior, como afirma Basil: “Tem-se o direito de julgar um homem pela influência que ele exerce sobre seus amigos: os teus parecem perder todo sentimento de honra, de bondade de pureza” (Wilde, 2021, p.164), no entanto, diferente dos seus amigos, Dorian permanecia intacto, sua beleza servia de escudo para todas os rumores a respeito da sua imoralidade: “Havia qualquer coisa na pureza de sua face que os forçava-se a calar-se” (Wilde, 2021, p140).

A discussão calorosa entre os amigos escala, até que Dorian decide revelar o segredo do retrato e da sua alma. A revelação deixa Basil em completo choque, ao perceber que seu amigo, que no primeiro capítulo era descrito pelo pintor Basil como seu melhor amigo e possuidor de “uma índole simples e bela...” (Wilde, 2021 p.10), era sim o ser vil e asqueroso que todos acusavam ele de ser. O pintor então suplica para que Dorian se arrependa diante dos seus inúmeros pecados, o que acaba por despertar uma ira imensurável no protagonista, que enfim efetua o ato mais cruel da obra: Assassina seu querido amigo a sangue frio e deixa seu corpo apodrecer em frente ao seu retrato.

O livro segue os capítulos seguintes com Dorian completamente paranoico, repensando todas as atitudes que realizou e com medo de que descubram que assassinou o seu amigo e que seu corpo se encontrava em sua propriedade. Depois desse evento, Dorian utiliza um segredo vergonhoso de um de seus amigos, Alan Campbell, para forçá-lo a usar seus conhecimentos químicos para dissolver o cadáver de Basil:

“Lastimo pelo que te toca, Alan - murmurou ele -, mas tu não me deixas alternativa alguma. Eu estava com uma carta pronta; ei-la. Vês o endereço. Se tu não me ajudas, será preciso que eu a remeta; se não me ajudares, eu a remeterei... Bem sabes o que resultará... Vais, porém, ajudar-me. É impossível que me o recuses agora. Procurei poupar-te. Far-me-ás a justiça de reconhecê-lo... Foste severo, duro, ofensivo. Trataste-me como homem algum jamais ousou fazê-lo, nenhum homem vivo, pelo menos. Tudo suportei. Agora é a mim que cabe ditar as condições.” (Wilde, 2021, p 185)

Após chantagear Alan, ele decide ajudar Dorian a dissolver o corpo de Basil, e decide se afastar para sempre do seu amigo, porém, ele não consegue viver sabendo que ajudou a ocultar um assassinato, e acaba se suicidando. O suicídio de Alan Campbell tampouco afeta Dorian Gray, que expressa tanto arrependimento quanto expressou pelo assassinato do seu melhor amigo: “Quanto a Alan Campbell, se este se suicidara, foi porque muito bem quis... Ele não era responsável.” (Wilde, 2021, p.237)

Dorian Gray acaba se tornando extremamente paranoico perto do final do livro, decidindo querer se tornar um homem bom para escapar dos horrores da própria imaginação. Seu primeiro ato de “bondade”, é direcionado a quando ele conhece e se apaixona por uma garota chamada Hetty Merton, mas decide não seguir em frente com o relacionamento pois sua reputação iria arruinar a vida da sua amada. Porém o ato foi feito a partir de um sentimento de vaidade, e não altruísmo, pois o mesmo tinha esperanças que o ato suavizasse as alterações do retrato:

“Seria simplesmente a vaidade que provocara o seu bom ato recente ou o desejo de uma nova sensação, como lhe sugerira lord Henry com um riso de mofa? Ou essa necessidade de desempenhar um papel que nos faz produzir coisas mais belas que nós? Ou, talvez, tudo isso junto?” (Wilde, 2021, p.238).

Esse trecho demonstra como Wilde utiliza Dorian, como uma espécie personificação da alta classe, explorando suas atitudes falsas e hipócritas, e executando ações apenas para a manutenção da própria imagem, na esperança que a prática dessas virtudes, - mesmo sendo feitas sem uma vontade verdadeira -, o eximisse dos seus pecados.

Dorian passa a ver o retrato como a única prova real de seus pecados, especialmente o assassinato de Basil Hallward. A lembrança do quadro o impede de dormir e frustra seus momentos de alegria. Ele acredita que, enquanto o quadro existir, ele nunca estará livre do seu passado. A obra termina com o “suicídio” de Dorian, que destrói seu retrato na esperança de que “recobriria a paz” (Wilde, 2021, p.239). O Retrato de Dorian Gray é a obra definitiva do movimento esteticista, a jornada de Gray explora a busca incessante pela beleza eterna e pelo prazer, em que as aparências se sobrepõem à moralidade.

5. Considerações finais

A análise de "O Retrato de Dorian Gray" proposta neste trabalho, demonstra que a obra funciona como uma crítica social subversiva, expondo a hipocrisia da sociedade vitoriana do final do século XIX. Através da lente da História Cultural, o texto estabelece que a literatura de Oscar Wilde não apenas reflete seu tempo, mas desafia ativamente os valores

burgueses, utilizando o esteticismo e o decadentismo para questionar o utilitarismo e o moralismo vigentes.

Os personagens centrais personificam as tensões da época: Lord Henry Wotton atua como o veículo das críticas ácidas e da filosofia hedonista, enquanto Dorian Gray representa a busca desenfreada pelo prazer, onde a beleza física é usada como um "escudo" para esconder uma alma corrompida por atos imorais e criminosos. A obra revela que a moralidade vitoriana era, muitas vezes, fundamentada no medo do julgamento social e na manutenção de aparências superficiais, ocultando estilos de vida inescrupulosos da elite britânica, tal qual as atitudes do protagonista do livro.

Conclui-se que o romance de Wilde é um testemunho das contradições humanas e sociais, ligando a trajetória trágica do protagonista à própria vida do autor, marcada pela extravagância e pelo confronto com o sistema judiciário de sua época. A arte, para Wilde, embora pregada como "inútil" e desvinculada de funções didáticas, acabou servindo como um espelho fiel da decadência moral oculta sob o progresso industrial e econômico do Império Britânico.

REFERÊNCIAS

- BURGESS, Anthony. A Literatura Inglesa. São Paulo; Editora ÁTICA S.A, 1996.
- CHARTIER, Roger. Cultura escrita, literatura e história. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ECO, Umberto. A História da Beleza. Rio de Janeiro; Editora RECORD, 2004
- ELLMAN, Richard. Oscar Wilde. São Paulo; Editora COMPANHIA DAS LETRAS, 1989
- HOBBSAWM, Eric J. A Era das Revoluções. São Paulo; Editora PAZ E TERRA, 2012
- LEENHART, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). Discurso Histórico e Narrativa Literária. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1998.
- LUCENA, Victória Rafaela Bastasini de. As relações entre a obra de oscar wilde e o cenário inglês do final do século xix: críticas e influências na era vitoriana; a identidade e a arte burguesa in: Cadernos de Clio, Curitiba, v. 10, nº. 2, 2019
- PIRES, Eliane Cristine Raab. Oscar Wilde: a tragicidade da vida de um escritor, 2005
- QUADROS-ZAMBONI, Alessandra. Não existem livros morais ou imorais: Hedonismo, subjetividade e sociedade em O Retrato de Dorian Gray in: Curitiba, Revista Versalete, 2017
- QUELUZ, Rebeca Pinheiro. SILVA, Andressa Cristine Marçal. Oscar Wilde Revisitado: Estudo de três adaptações de O Retrato de Dorian Gray p. 171-185 in Revista de literatura, História e memória, 2015.
- REZENDE, Sabrina Mesquita de. O entre-fronteiras decadentista de Drácula e O retrato de Dorian Gray. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.
- RODRIGUES , Kelen Cristina. O decadentismo e sua face estetista: uma (a)moralidade libertária in: REVISTA LITTERIS No 2 ISSN: 1982-7429, 2009
- SILVA, Leandro Souza Borges. O amor que não ousa dizer seu nome: notações homoculturais em O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde. Revista PHILIA Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre, volume 2, número 1, p. 316 – 340, junho de 2020.
- TAVARES, Enéias Farias. Esteticismo e decadentismo nos dândis de Wilde e Huysmans: retratos de Des Esseintes e Dorian Gray in: Acta Scientiarum. Language and Culture Maringá, v. 38, n. 1, p. 79-91, Jan.-Mar., 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/>

TOFFOLI, Tânia O retrato de Dorian Gray : um romance em três tempos circulação entre Inglaterra e Brasil – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

VERA Eduardo Horta Nassif. Baudelaire, Benjamin e o Decadentismo. Revista UFMG, 2010
Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/index>

WILDE Oscar. O Retrato de Dorian Gray. São Paulo; Editora Principis. (2021)